



## RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE UMA AULA-PASSEIO AO MUSEU DE ARQUEOLOGIA DE ITAIPU COM CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA

*José Carlos Vieira Junior* <sup>1</sup>, *Jianete Silva Rodrigues de Carvalho Pereira* <sup>2</sup> *Ruth Maria Mariani Braz* <sup>3</sup>

**Resumo:** O processo de formação do ser humano vai muito além do espaço escolar. As aprendizagens estão principalmente nas relações interpessoais e nas vivências concretas e significativas desenvolvidas não só nos espaços da educação formal, mas também em outros ambientes. Nossas investigações sugerem que é necessário extrapolar os muros da escola e possibilitar aos alunos múltiplas vivências. Os museus são fontes inesgotáveis de informações. Este estudo buscou analisar as experiências de uma aula-passeio no Museu de Arqueologia de Itaipu desenvolvida com alunos da Escola Especial Crescer. Esta escola é voltada para o atendimento especializado de pessoas com deficiência. Esta aula-passeio possibilitou a realização de uma experiência diferenciada, explorando os diferentes sentidos e proporcionando uma vivência prazerosa de interação com as pessoas e o meio ambiente. Através desta aula-passeio foi possível realizar uma vivência em torno da valorização de um patrimônio histórico e cultural local, incluindo as questões da sustentabilidade e da inclusão. Através de entrevistas com as professoras notamos a importância da experiência fora do espaço escolar. Através dela foi possível caminhar pelo processo de ensino e aprendizagem de uma forma prazerosa, aguçando os sentidos dos alunos e alunas da escola.

**Palavras-chave:** Aula-passeio; Escola Especial Crescer; Aprendizagem; Museu.

**Abstract:** Human education goes far beyond the school space. Learning occurs mainly in the context of interpersonal relations and in specific and meaningful experiences, developed not only in the formal

<sup>1</sup>Mestrando do Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão da Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor de Educação Física dos Municípios de Magé e Rio de Janeiro. E-mail: zecarlosjr\_@hotmail.com.

<sup>2</sup>Mestranda em Diversidade e Inclusão da Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora substituta no Colégio de aplicação da UERJ- CAP/UERJ. E-mail: ianeterodrigues@gmail.com.

<sup>3</sup>Doutora em Ciências e Biotecnologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora/Orientadora no curso de mestrado profissional em Diversidade e Inclusão da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: ruthmariani@yahoo.com.br.





education but also in other environments. Our research suggests that it is necessary to go beyond the school walls and allow students to live multiple experiences. For this matter, Museums are inexhaustible sources of information. This research was designed to analyze a class field trip to Itaipu Museum of Archeology of Itaipu. The museum field trip was developed with the Special School Grow students. This school is specialized in taking care of people with disabilities. This field trip enabled a different type of experience, exploring the different senses and allowing a pleasant interaction experience with people and the environment. This way it was possible to have an experience around local historical and cultural heritage, including sustainability and inclusion topics. Interviewing the school teachers we identified the field trip importance. It made possible to walk through the teaching/learning process in a pleasant way, sharpening the senses of the Special School Grow students.

**Keywords:** Field trip; Special School Grow; Learning; Museum.

## INTRODUÇÃO

Nosso artigo tem como principal objetivo relatar uma experiência de aula passeio com alunos com deficiências no Museu de Arqueologia de Itaipu em Niterói. Faremos uma narrativa dos fatos a partir da análise de um questionário que submetemos aos participantes.

Vários pesquisadores, como Freinet (1975) e Gadotti (2005; 2009), têm debatido sobre a importância da ampliação dos espaços de formação e das múltiplas vivências no processo de aprendizagem dos estudantes em diferentes níveis e modalidades da educação. Assim, Gadotti (2009) salienta:

A sociedade do conhecimento é uma sociedade de múltiplas oportunidades de aprendizagem. As consequências para a escola, para o professor e para a educação em geral são enormes. A educação ao longo de toda a vida implica ensinar a pensar, saber comunicar-se, saber pesquisar, ter raciocínio lógico, fazer sínteses e elaborações teóricas, saber organizar o seu próprio trabalho, ter disciplina para o trabalho, ser independente e autônomo, saber articular o conhecimento com a prática, ser aprendiz autônomo e a distância [...] Enfim, adquirir os instrumentos necessários para continuar aprendendo sempre (GADOTTI, 2009, p. 32).

Com base nesses pressupostos, neste estudo procuramos relatar uma experiência concreta desenvolvida com alunos da Escola Especial





Crescer numa aula-passeio no Museu de Arqueologia em Itaipu, Bairro de Niterói – RJ, baseado na proposta de Freinet (1975) e de Gadotti (2009), onde todos os espaços podem ser explorados para continuar aprendendo sempre.

Nas nossas pesquisas têm demonstrado que os museus são fontes inesgotáveis de informações e possibilidades de aprendizagens, sendo possível dar estímulos aos estudantes através do trabalho com os diferentes sentidos e abordagens.

Freinet (1975) foi um dos primeiros estudiosos a utilizar a técnica aula-passeio evidenciando o entusiasmo e fascínio dos estudantes ao explorar o meio ambiente e o meio social para o desenvolvimento de aprendizagens. Na citação a seguir podemos perceber a satisfação de Freinet (1975) com a nova técnica.

A aula-passeio constituía para mim uma tábua de salvação. Em vez de me postar, sonolento, diante de um quadro de leitura, no começo da aula da tarde partia, com as crianças, pelos campos que circundavam a aldeia. Ao atravessarmos as ruas, parávamos para admirar o ferreiro, o marceneiro ou o tecelão, cujos gestos metódicos e seguros nos inspiravam o desejo de os imitar. Observávamos os campos nas diversas estações: no inverno, víamos os grandes lençóis estendidos sob as oliveiras para receber as azeitonas varejadas; na Primavera, as flores de laranjeira em todo o seu encanto, as quais pareciam oferecer-se às nossas mãos; já não examinávamos, como professor e alunos, em torno de nós, a flor ou o inseto, a pedra ou o regato. Sentíamos-los com todo o nosso ser, não só objetivamente, mas com toda nossa sensibilidade natural. E trazíamos as nossas riquezas: fósseis, nozes, avelãs, argila ou uma ave morta (FREINET, 1975, p. 23).

A análise em torno da aula-passeio se deu por meio da realização de entrevistas com as professoras de todas as turmas da Escola Especial Crescer. Mediante a elaboração de um roteiro de entrevista, buscamos analisar diferentes questões presentes na vivência: a acessibilidade; a visitação mediada; o comportamento dos estudantes; as aprendizagens proporcionadas. Estes foram os quatro pontos nos quais nos debruçamos para compreender de forma mais abrangente a experiência desenvolvida. Este olhar das professoras foi muito importante para avaliar a aula-passeio e dar um retorno ao museu sobre a vivência realizada.

As dificuldades e facilidades ao longo do processo de acesso, interação com as pessoas e ambiente no tocar, percorrer, sentir, cheirar, ouvir, tudo isso precisou ser analisado para compreender a



dimensão da abordagem desta aula-passeio. É preciso explicitar que esta prática pedagógica não se limitou ao momento da atividade, as abordagens foram desenvolvidas preliminarmente através dos preceitos e experiências a serem observadas e vivenciadas. E posteriormente ao dia da aula-passeio, ainda foram amplas as possibilidades de abordagens e diálogo, inclusive, através da utilização de recursos audiovisuais, como, por exemplo, fotos e vídeos.

## METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos propostos neste estudo, inicialmente foram realizadas pesquisas bibliográficas em torno da fundamentação da aula-passeio. Através de uma metodologia qualitativa, nossas investigações se voltaram para a realização de um questionário com quatro perguntas abertas, que foram respondidas pelas onze professoras das diferentes turmas que realizaram a aula-passeio no Museu de Arqueologia de Itaipu.

O roteiro de perguntas da entrevista foi estruturado de acordo com o Quadro 1:

**Quadro 1: Roteiro das entrevistas.**

1ª Pergunta	Como você avaliou a acessibilidade do Museu de Arqueologia de Itaipu?
2ª Pergunta	Como você avaliou a forma como foi conduzida a visita mediada do Museu de Arqueologia de Itaipu?
3ª Pergunta	Você considerou que a aula-passeio trouxe aprendizagens e oportunidades de interação para os alunos da sua turma? Caso a resposta seja sim, aponte as principais interações e aprendizagens:
4ª Pergunta	Como você avaliou o comportamento dos seus alunos durante a aula-passeio?

**Fonte:** Vieira Junior, Pereira e Braz (2019).

Após a gravação das entrevistas com as professoras, as respostas foram transcritas e analisadas. Entre o total de onze participantes, três preferiram responder por escrito e os resultados foram reunidos com as demais professoras e então analisados conjuntamente.



## RESULTADOS E DISCUSSÕES

O Museu de Arqueologia de Itaipu (MAI), fundado em 22 de março de 1977, foi projetado e empreendido pelo próprio Edgard Jacintho, apoiado por Renato Soeiro, diretor do IPHAN à época. O Museu foi pensado de forma a dotar o bem tombado de uma função didático-científica compromissada com a salvaguarda e a difusão do patrimônio cultural de natureza arqueológica, intensificando o turismo na região e alinhando-se às diretrizes do MEC naquele período (IBRAM, 2019).

O Museu deveria, ainda, se estruturar em relação direta e integradora com seu entorno, suas atividades extrapolariam as convencionais exposições intramuros e se estenderiam aos sítios arqueológicos da região, em particular, o Sítio Duna Grande – localizado a poucos metros do antigo recolhimento religioso – cujo tombamento pelo IPHAN encontra-se em processo desde 1986, afora sua já assegurada proteção pela Lei Federal nº 3.924/61, que dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos.

Com sua inauguração em 1970, um período de modernizações urbanísticas na região, novas descobertas arqueológicas foram feitas. Durante a abertura da estrada para Camboinhas em 1978, foi localizado o sítio arqueológico da Duna Pequena. Infelizmente, as obras deixaram essa região sambaqueira parcialmente destruída. (IBRAM, 2019).

Anteriormente, na década de 1960, o arquiteto Edgard Jacintho, que trabalhava no Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN), como chefe do Departamento de Conservação e Restauração, dedicou-se ao projeto de criação de um museu a ser instalado no monumento. Vale lembrar que em 1970 o DPHAN foi transformado em Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Ao final da década de 1970, mais precisamente em 1979, foi elaborado um projeto com a intenção de esse sítio arqueológico, tendo em vista um projeto ainda maior de urbanização da orla litorânea de Itaipu que seria efetuado pela Companhia de Desenvolvimento Territorial, proprietária da área. Lembrando que a praia de Camboinhas é contígua à praia de Itaipu (sendo separadas apenas pelo canal da lagoa de Itaipu, só construído na década de 1970). Antes do naufrágio do navio Camboinhas em 1958, toda essa extensão de praia era chamada de Itaipu. Portanto, o já conhecido sítio Duna Grande não fica muito distante do sítio Duna Pequena, encontrado em 1978.





Mais uma surpresa ainda aguardava os pesquisadores. Durante a pesquisa no sítio da Duna Pequena, foi localizado um novo sítio: o Sambaqui de Camboinhas, último remanescente arqueológico de tipo sambaqui entre a região de Niterói a Saquarema. É desse sítio que provém os blocos testemunhos pertencentes ao museu, cuja técnica de preservação – cimentação ou plastificação do encaixotamento de vestígios arqueológicos, tais como o solo, a estratigrafia etc. – foi desenvolvida e aplicada pioneiramente pelo Padre Rohr no Sítio do Sambaqui de Camboinhas, visando ao estudo posterior do material em laboratório. Somente um dos seis blocos foi datado, constando sua existência de 6000 a.C. (oito mil anos de idade).

Esses blocos testemunhos do Sambaqui de Camboinhas, hoje sob a guarda do Museu Socioambiental de Itaipu, foram preservados graças à “Pesquisa de Salvamento em Itaipu”, realizada em 1979 sob a coordenação da Prof. Dra. Lina Maria Kneip, por meio de um acordo de cooperação técnica entre o IPHAN e o Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IBRAM, 2019).

O objetivo de tal cooperação era de auxílio dos profissionais do Museu Nacional na localização, identificação e verificação do estado de conservação dos sítios arqueológicos do Estado do Rio de Janeiro. A pesquisa tinha como objetivo a reconstituição do quadro arqueológico e ecológico do litoral de Itaipu; os estudos da adaptação de culturas caçadoras, pescadoras e coletoras litorâneas; e a evolução.

## **A ESCOLA ESPECIAL CRESCER**

Após anos de experiência trabalhando na área da educação especial, Renata Dreux decidiu criar sua própria escola. A Escola Especial Crescer teve sua fundação há dezesseis anos, em dois mil e três, inicialmente com o nome de Nosso Espaço, no Cafubá, bairro da região oceânica de Niterói. Renata começou a Escola na sua própria casa com poucos alunos.

Com o crescimento do trabalho, no ano de dois mil e quatro, a Escola mudou de local e também de nome, passando a ser a Escola Especial Crescer, com localização próxima a praia de Piratininga.

A Escola é voltada para o atendimento de pessoas com deficiência de diferentes idades, variando entre dez e sessenta anos. No final do ano de dois mil e onze, a Escola precisou novamente mudar de local, passando a ficar situada na Rua Joaquim Pereira Caldas em Piratininga, onde está até o presente momento. Com um amplo espaço e devida acessibilidade, a Crescer oferece aos seus alunos várias possibilidades de atividades e atendimentos especializados.



A maioria dos alunos possui transtorno do espectro do autismo, entretanto ainda podem ser encontradas pessoas com diferentes deficiências intelectuais, como, por exemplo, a síndrome de down, ou ainda deficiências múltiplas. A Escola Crescer oferece uma série de atividades extraclasse e acompanhamento de terapeutas. Renata Dreux acredita que todos os alunos podem ampliar e melhorar suas possibilidades dependendo da forma como são estimulados.

A Escola Especial Crescer possui em torno de cento e dez alunos e quarenta funcionários. A diretora e instituição receberam o troféu de vencedor na categoria Diretor e Escola Destaque concebido pelo Movimento Orgulho Autista Brasil no ano de 2016 pelo excelente trabalho desenvolvido com autistas severos (EEC, 2019).

Todas as informações aqui citadas sobre a Escola são experiências vividas e constam no projeto político pedagógico, pois, um dos autores também é professor da Instituição.

A aula-passeio no Museu de Arqueologia de Itaipu ocorreu pela iniciativa da diretora Renata Dreux e faz parte de uma série de atividades semelhantes desenvolvidas ao longo do ano. Além destas aulas em ambientes externos, a Escola também convida diferentes profissionais para ministrarem palestras e desenvolverem atividades com os alunos.

A Escola possui projetos bem interessantes, como, por exemplo, o Projeto Integração que promove encontro dos alunos com estudantes de outras instituições e o Projeto Profissionalizante voltado para o ensino de técnicas de confecção de materiais artesanais (EEC, 2019). A partir das nossas investigações, concluímos que a escola envolvida na pesquisa possui um olhar atento às potencialidades dos seus alunos e acredita que o processo de aprendizagem vai muito além do espaço da sala de aula.

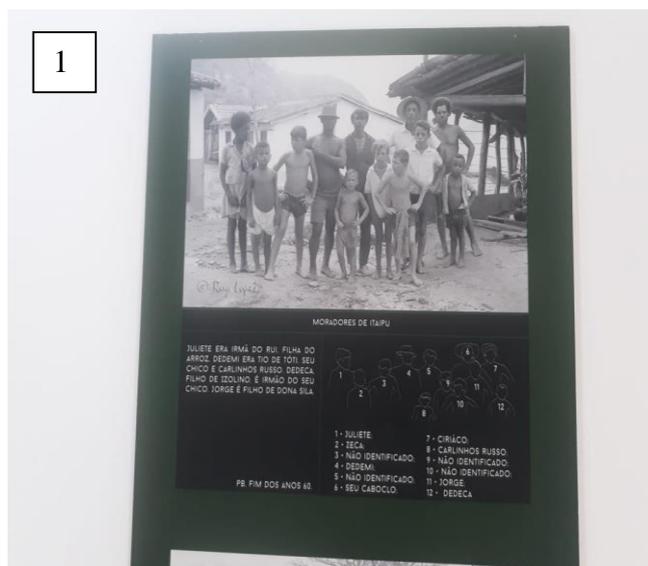
## **A AULA PASSEIO: UMA AULA COM SENTIDOS**

As visitas mediadas do Museu de Arqueologia de Itaipu (MAI) iniciam a partir de conversas sobre questões referentes à arqueologia e história (períodos pré e pós-colonial). Entendemos esta visita como um instrumento pedagógico que tem sua aplicabilidade efetivada através de conversas realizadas junto à exposição "Arqueologia em Maquetes" inspirando um contato inicial com os visitantes.

Em um segundo momento, os grupos são conduzidos até os arredores do sítio arqueológico Duna Grande, momento no qual são abordados os povoados sambaquieiros, seus modos de vida,

motivos de se estabelecerem nessa região, conforme a Figura 1 e da especulação imobiliária que destruiu totalmente outros dois sítios arqueológicos no período de desenvolvimento do bairro de Camboinhas: a Duna Pequena e o Sambaqui de Camboinhas, como a Figura 2 que consta alguns arquivos da exposição.

**Figura 1:** Quadro presente na sala de exposição que aborda o histórico da comunidade local. **Figura 2:** Amostra da exposição “Arqueologia em Maquetes”.



**Fonte:** Fotografias cedidas pela Escola (registros da aula-passeio feitos com autorização do Museu).

O trajeto tem sequência pela praia, momento no qual as questões referentes à comunidade tradicional de pescadores de Itaipu são trazidas para os visitantes. Saindo da sala de aula podemos proporcionar uma vivência do que foi aprendido no decorrer de estudos realizados na escola e desenvolver o conhecimento com múltiplas possibilidades. O grupo, em seguida, é levado de volta ao museu para compreender a dinâmica de ocupação do Recolhimento de Mulheres de Santa Teresa, os motivos da sua construção, a existência de tal instituição do século XVIII e quem ali era abrigado.

A exposição “Percurso do Tempo – Revelando Itaipu” faz uma síntese do que foi apresentado em todo o trajeto, para logo em seguida, quando se trata de grupos escolares de primeiro segmento do ensino fundamental, realizar a oficina de escavação, conforme a Figura 3 e 4 apresentadas.

**Figuras 3 e 4:** Espaços que fazem parte do trajeto da exposição "Percurso do Tempo – Revelando Itaipu" do Museu de Arqueologia de Itaipu.



**Fonte:** Fotografias cedidas pela Escola (registros da aula-passeio feitos com autorização do Museu).

Durante a visita ao museu, é possível desenvolver oficinas, que segundo Vieira e Volquid (2002), a oficina se caracteriza por um novo tipo de comunicação entre professores e alunos, por meio da formação de equipe de trabalho, em que cada pessoa pode contribuir com sua experiência. Por conseguinte, o professor é dirigente, mas também é aprendiz, ensina e aprende como os alunos. Na oficina realizada no Museu, que sintetiza o trabalho de um arqueólogo, as crianças descavavam objetos, faziam desenhos e anotações sobre os artefatos encontrados em uma simulação de sítio arqueológico que se encontra em um dos pátios do MAI.

É importante destacar que a aula-passeio proporciona vivências e aprendizagens que não são possíveis de serem encontradas em sala de aula, sendo possível fugir de uma rotina monótona e cíclica. Freinet tem em sua proposta educacional o objetivo de conseguir uma atenção maior dos alunos através de diferentes estímulos ao colocá-los em contato com um ambiente novo e promover vivências autônomas, tendo como ponto de partida a curiosidade natural dos estudantes de diferentes faixas etárias. No que se refere ao aspecto constitucional da pessoa, ao longo dos tempos, as aulas-passeio possuem uma vantagem ao se fixar nas lembranças.

A pedagogia de Freinet sugere a técnica de aula-passeio, uma pedagogia baseada no método ativo, pois possibilita a interação com o outro e com o meio ambiente, sempre buscando uma nova aprendizagem, reflexões e o prazer de inquirir de forma integrada com



a vida social e afetiva do aluno (SAMPAIO, 1996). Dessa forma, a função do professor durante as aulas passeios consiste em:

[...] permitir que seus alunos tomassem decisões e que, acima de tudo, fossem responsáveis pelas atitudes assumidas [...], valorizando assim, o lugar e a responsabilidade do aluno. E, ainda, acreditava que [...] os professores não eram propriamente mestres, mas sobretudo guias, amigos e encorajadores de crianças que, tratadas dessa forma, vivem sempre felizes e confiantes (SAMPAIO, 1994, p. 64).

Para uma experiência que tenha sentido, que faça sentido e que trabalhe com os sentidos dos alunos é necessário o engajamento do professor, e de toda equipe que participará da aula, para que a mesma tenha significados.

Uma aula-passeio verdadeiramente proveitosa ocorre quando os alunos possuem um comportamento participativo e o processo de ensino aprendizagem se desenvolve de forma atrativa, muitas vezes ao ar livre, propiciando o prazer pelo novo. O construir e o modificar através da leitura de mundo são possíveis através da interação com o outro, com a troca, com o aprendizado.

Para Sampaio (1996), a escola é capaz de transformar a sociedade e propiciar ao aluno oportunidades no seu entorno, levando dados para o estudo, conforme Freinet (1975), trazendo vida para o processo de aprendizagem e transformando o aluno em pesquisa

## **AS ENTREVISTAS COM AS PROFESSORAS**

Após análise das entrevistas com as professoras das diferentes turmas foi possível apontar alguns resultados e direcionar discussões e reflexões no que se refere aos quatro pontos abordados.

A primeira questão levantada foi sobre a acessibilidade do Museu. Como no dia do passeio, a Escola não possuía alunos com surdez ou cegueira, o olhar das professoras não esteve muito voltado para as questões das estruturas em braille e presença de intérpretes de libras. Os pontos levantados foram mais relacionados à acessibilidade para os alunos cadeirantes e também àqueles com deficiência intelectual ou transtorno do espectro do autismo. As onze professoras consideraram o Museu acessível aos seus alunos, sendo possível que transitassem por todos os espaços. Duas professoras apontaram a importância de o transporte ter conseguido parar bem próximo ao local da visita.



Três professoras, ainda neste ponto da acessibilidade, indicaram a constante presença dos funcionários do Museu sempre dispostos a colaborar e auxiliar os alunos. Entre todas as afirmações feitas na entrevista, dois pontos negativos relacionados à estrutura foram apontados: uma professora considerou a parte interna do Museu “apertada” e outras quatro professoras acharam este mesmo ambiente muito “quente”.

O segundo ponto analisado foi referente à forma como foi conduzida a visita mediada do Museu de Arqueologia de Itaipu. As professoras foram unânimes ao se referirem em relação ao envolvimento positivo dos mediadores, elencando alguns adjetivos, como, por exemplo, atenciosos, cuidadosos, pacientes, carinhosos. Uma professora também apontou a abordagem segura, calma e embasada dos funcionários responsáveis pela mediação. Uma das professoras considerou que a linguagem utilizada foi apropriada para seus alunos, já outras duas professoras indicaram a necessidade de uma abordagem mais lúdica e atrativa para seus alunos. Vale ressaltar que a Escola Especial Crescer possui uma diversidade de deficiências e perfis de alunos e classes, sendo totalmente compreensíveis estas visões diferentes entre professoras.

O terceiro ponto da entrevista contempla a questão motivadora deste artigo: identificar as possibilidades de aprendizagens e interações dos alunos através da aula-passeio. Todas as professoras consideram que a aula-passeio trouxe aprendizagens e oportunidades de interação.

As professoras de quatro turmas, de forma mais incisiva àquelas professoras regentes das duas turmas compostas por alunos com menor grau de comprometimento cognitivo, consideraram relevantes às aprendizagens voltadas aos conteúdos relacionados à arqueologia, história da comunidade local, entre outros conhecimentos associados ao currículo.

Já as outras sete professoras elencaram uma série de outras possibilidades de interações e aprendizagens presentes em diferentes momentos da aula-passeio, ou seja, não somente restritos ao espaço do Museu. Segundo estas professoras, os alunos puderam aprender e interagir através dos momentos de relações interpessoais, ao longo do trajeto de ida e volta, no contato com elementos da cultura, na vivência em situações e ambientes diferentes do dia a dia, no lanche coletivo, na aproximação com a natureza. O entendimento de que a aprendizagem dos alunos se deu através da interação com o todo esteve muito presente nos depoimentos das professoras.



Na questão referente ao comportamento dos alunos, as onze professoras consideraram que os estudantes demonstraram uma satisfação ao participar da aula-passeio. Ao longo das entrevistas foram identificadas afirmações como “interagiram bem”, “curtiram bastante”, “ficaram bem interessados e felizes”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste estudo foi possível perceber a potencialidade da aula-passeio no processo de formação dos alunos, sejam eles com ou sem deficiência. A proposta de uma vivência diferenciada, ainda mais articulada a espaços repletos de informações e cultura, como, os museus, pode trazer aprendizagens muito significativas para os estudantes. O aprender não se limita somente ao conteúdo do currículo, mas abrange todos os espaços e momentos, sendo potencializado quando se permite o interagir com o novo e o diferente.

Os estudos ainda apontaram a necessidade dos administradores e funcionários dos museus estarem cada vez mais atentos às questões de acessibilidade e condução das visitas mediadas de forma inclusiva.

Os espaços culturais devem ser cada vez mais valorizados e acessados, sendo utilizados de forma a acrescentar ao processo de ensino e aprendizagem articulado à educação formal e ao lazer.

## REFERÊNCIAS

EEC, Escola Especial Crescer. *Ser diferente é tornar o mundo mais colorido*. 2019. Disponível em:

<http://www.especialcrescer.com.br/index.html>. Acesso em 27 ago. 2019.

FREINET, C. *As técnicas Freinet da escola moderna*. Tradução de Silva Letra. 4. Ed. Lisboa Portugal: Estampa, 1975.170p.

GADOTTI, M. A questão da educação formal/não-formal. *Sion: Institut International des Droits de 1º Enfant*, 2005, 1-11.

GADOTTI, M. *Educação integral no Brasil: inovações em processo*. Produção de terceiros sobre Paulo Freire; *Série Livros*, 2009.



---

IBRAM, Instituto Brasileiro de Museus. Museu de Arqueologia de Itaipu. *MuseusBr*: rede nacional de identificação dos museus. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/6096.d>. Acesso em: 27 ago. 2019.

SAMPAIO, R. M. W. A aula-passeio transformando-se em aula de descobertas. *Pedagogia Freinet: Teoria e prática*. Campinas, SP: Papyrus, p. 179-193, 1996.

SAMPAIO, R. M. W. *Freinet: evolução histórica e atualidades*. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1994.

VIEIRA, E.; VOLQUIND, L. *Oficinas de ensino: O quê? Por quê? Como?* 4. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

Recebido em: 16 de maio de 2019

Aceito em: 27 de agosto de 2019.

